REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA
VOLUME 00, NÚMERO 20 (2023) PPGE/UNESA. RIO DE JANEIRO.

https://doi.org/10.5935/2238-1279.20230026

Análise de memes racistas sobre estudantes asiáticos-brasileiros

Analysis of racist memes against Asian Brazilian students

Análisis de memes racistas sobre estudiantes asiático-brasileños

EDSON SEITI MIYATA
Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia / Universidade Estácio de Sá
seitimiyata@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8552-1048

MARIA VITÓRIA CAMPOS MAMEDE MAIA
Universidade Federal do Rio de Janeiro
mariavitoriamaia@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9697-8243

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o conteúdo racista sobre estudantes asiáticos-brasileiros nos memes brasileiros, considerando as microagressões racistas propiciadas pela invisibilização desse tema. Debatemos os conceitos de raça e de racismo, partindo das contribuições de Guimarães (2003), Gilroy (2007), Hall (2015) e Campos (2017), evidenciando efeitos classificatórios sociais por meio de opressão e desigualdade. Focalizamos o racismo contra estudantes de origem asiática, tendo estudos de Museus e Truong (2013) e Museus e Park (2015) como fundamentação. Em seguida, analisamos memes brasileiros que retratam estudantes asiáticos-brasileiros, apoiados na análise do discurso segundo Orlandi (2003). Observamos que os memes analisados evidenciam teor racista, perpetuando estereótipos como a invalidação das diferenças individuais dos asiáticos e a suposta falta de habilidade de integração social com estudantes não-asiáticos. Por fim, propomos reflexão sustentada na permanência da visão imperialista do Ocidente sobre o Oriente (SAID, 1990) como forma de compreender o racismo contra asiáticos.

Palavras-chave: racismo; memes; estudantes asiáticos-brasileiros; análise do discurso.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze racist content about Asian-Brazilian students in Brazilian memes, considering the racist micro-aggressions caused by the invisibility of this theme. We discussed the concepts of race and racism, based on the contributions of Guimarães (2003),

Gilroy (2007), Hall (2015) and Campos (2017), showing social classificatory effects through oppression and inequality. We focus on racism against students of Asian origin, based on studies conducted by Museus and Truong (2013) and Museus and Park (2015). Then, we analyze Brazilian memes that portray Asian-Brazilian students, supported by the theory of discourse analysis according to Orlandi (2003). We observed those memes show racist content, perpetuating stereotypes such as the invalidation of individual differences in Asian people and the supposed lack of social integration skills with non-Asian students. We propose a reflection sustained by the imperialist view of the West over the East (SAID, 1990) as a way of understanding racism against Asians.

Keywords: *racism; memes; Asian-Brazilian students; discourse analysis*.

RESUMEN

El propósito de este artículo es analizar el contenido racista sobre estudiantes asiático-brasileños en los memes brasileños, considerando las microagresiones racistas provocadas por la invisibilidad de este tema. Discutimos los conceptos de raza y racismo, a partir de los aportes de Guimarães (2003), Gilroy (2007), Hall (2015) y Campos (2017), mostrando efectos de clasificación social a través de la opresión y la desigualdad. Nos enfocamos en el racismo contra los estudiantes de origen asiático, teniendo como base los estudios de Museus y Truong (2013) y Museus y Park (2015). Analizamos los memes brasileños que retratan a estudiantes asiático-brasileños, apoyados en el análisis del discurso según Orlandi (2003). Observamos que los memes analizados muestran contenido racista, perpetuando estereotipos como la invalidación de las diferencias individuales en los asiáticos y la supuesta falta de habilidades de integración social con estudiantes no asiáticos. Proponemos una reflexión sostenida en la visión imperialista de Occidente sobre Oriente (SAID, 1990) para entender el racismo contra los asiáticos.

Palabras clave: *racismo; memes; estudiantes asiáticos brasileños; análisis del discurso.*

Introdução

Exóticos. Diferentes. Misteriosos. Essas adjetivações, tão comuns aos sujeitos que se situam fora do perfil fisionômico e cultural da perspectiva eurocêntrica, soam como eufemismos para mascarar o real discurso por trás dessas palavras. Em vez de exótico, talvez, estranho. Em vez de diferente, talvez inferior. Em vez de misterioso, talvez perigoso. A construção desse imaginário parte de uma visão imperialista que pode ser evidenciada, por exemplo, no contexto brasileiro. O seguinte trecho ilustra esse pensamento:

> No momento presente esse imperialismo é menos disfarçado que nunca e atinge praticamente todas as áreas da vida pública do cidadão brasileiro e de suas relações com o Estado. O conteúdo da mídia, as leis de patentes, a internacionalização da Amazônia, o controle do modelo econômico nacional, a privatização do ensino superior e o desmonte das instituições de pesquisa, o modelo de relação entre cidadão e Estado, a maneira em que a própria sociedade deve organizar-se democraticamente, os movimentos negros, os movimentos feministas, os movimentos indígenas, os movimentos ecologistas, todos eles sofrem de alguma maneira uma enorme pressão, quando não coerção direta, para adequar-se aos padrões de valores propostos pelos Estados Unidos. (CARVALHO, 2001, p. 123)

Outros países latino-americanos, asiáticos e africanos têm vivenciado, historicamente, essa experiência das dominações europeia e estadunidense. A escravidão à qual os povos da África foram submetidos é uma dessas experiências, porém em grau mais desumano, doloroso e opressor. Para o presente artigo, vamos focalizar na construção da imagem estereotipada dos povos da Ásia por meio da ideia imperialista do Oriente Misterioso (SAID, 1990, 2011), sendo esse "um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis" (SAID, 1990, p. 13).

Temos, aqui, duas perspectivas a serem destacadas, conforme explica Said (1990, 2011). A primeira é a eurocêntrica, pois era no Oriente que se localizavam as principais colônias de países europeus, especialmente as colônias sob dominações britânica e francesa. Foi também por meio do Oriente que se definiu o parâmetro de contraste à cultura eurocêntrica, de forma que essa última fosse compreendida como avançada e dominante, com a responsabilidade de "levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos" (SAID, 2011, p. 9).

A segunda perspectiva é a estadunidense, que tende a nutrir diferente olhar sobre o Oriente se comparado com a visão europeia. Said (1990) observa que o Oriente da perspectiva estadunidense está principalmente direcionado à China e ao Japão, países que pertencem à região conhecida como Leste Asiático. O mesmo autor ainda observa o aumento da importância do Oriente Médio para as questões econômicas e políticas dos Estados Unidos. A recente morte do general iraniano Qasem Soleimani é uma evidência dessa tensa relação (GUIMÓN, 2020).

O presente artigo é calcado em uma pesquisa de cunho qualitativo e que parte da permanência da visão imperialista, estereotipada e racista do Ocidente sobre o Oriente. Nosso recorte está no racismo contra estudantes asiáticos-brasileiros propagados por meio dos memes. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar o conteúdo racista destes memes, apoiado na teoria da análise do discurso.

Raça e racismo

Pensamos ser relevante tecer um breve panorama teórico sobre os conceitos de raça e de racismo. Iniciaremos com as contribuições de Guimarães (2003), para quem o conceito de raça, sob o ponto de vista científico, é uma construção social. Esse autor parte da ideia de que os discursos sobre origem e transmissão de características fisionômicas, morais e intelectuais fundamentam a noção de raça na perspectiva da construção de uma identidade social e de uma cultura simbólica (GUIMARÃES, 2003). Concepção similar é defendida também por Hall (2015) ao destacar que "raça é uma construção discursiva" (HALL, 2015, p. 1), de forma que o sentido de raça seja compreendido como construção social, histórica e cultural, em detrimento das "diferenças entre as raças no terreno da ciência biológica ou genética" (HALL, 2015, p. 1).

Se "raça é um dos principais conceitos que organizam os grandes sistemas classificatórios da diferença que operam em sociedades humanas" (HALL, 2015, p. 1), podemos inferir que o racismo se origina dos esforços empreendidos, século após século, para promover esse sistema de classificação entre dominantes e dominados ou entre superiores e inferiores. Para Gilroy (2007), o racismo cria uma relação tensa entre esses polos porque

> Por um lado, os beneficiários da hierarquia racial não querem abrir mão de seus privilégios. De outro lado, as pessoas que têm sido subordinadas pelo pensamento racial e suas estruturas sociais distintivas (nem todas são claramente codificadas pela cor) vem empregando há séculos os conceitos e as categorias de seus dominantes, proprietários e perseguidores para resistir ao destino

> que a "raça" lhes reservou e dissentir do valor ínfimo conferido às suas vidas. (GILROY, 2007, p. 30)

O racismo, portanto, propicia mecanismos de segregação social e de imposição de inferioridade ao dominado. As reações podem ser observadas nas microagressões do cotidiano, conforme observa Hall (2015): "Dá para ver seus efeitos, dá para vê-la nos rostos das pessoas à sua volta, dá para ver as pessoas se remexendo quando pessoas de um outro grupo racial entram na sala" (HALL, 2015, p. 2). Em leitura ampla, o racismo promove a desigualdade em diferentes aspectos, mas complementares entre si. Nesse contexto, podemos observar que o racismo cria grupos socialmente oprimidos, culturalmente inferiorizados e economicamente precarizados. A depender do grupo em questão, cada aspecto pode se manifestar em maior ou menor grau ou, até mesmo, os três aspectos podem se manifestar simultaneamente.

A tentativa de se compreender cientificamente o racismo tem propiciado intensos debates no campo das ciências sociais. Propomos o enfoque na perspectiva de Campos (2017) sobre o racismo como fenômeno social constituído por três dimensões: a cultural, a prática/atitudinal e a estrutural. Na primeira dimensão predominam os discursos e as ideologias racistas; na segunda dimensão predominam as ações e os comportamentos racistas; na terceira dimensão predominam os sistemas e os aspectos institucionais que perpetuam o racismo. Esse autor sinaliza que o racismo contemporâneo é um fenômeno de grande complexidade e, por essa razão, "depende não apenas de investigações empíricas, mas também de orientações teóricas sobre os elementos ontológicos que o caracterizam" (CAMPOS, 2017, p. 16).

Os efeitos do racismo afetam a dinâmica social de um país, invisibilizando sujeitos e manifestações não eurocêntricas, assim como promovendo segregação e violência. Pensamos ser importante ilustrar esse pensamento por meio de um recente estudo conduzido por Gomes e Laborne (2018), cujo foco é a violência contra os jovens negros brasileiros. Ao relacionar racismo e violência, as autoras alertam que

> Para alcançarmos uma sociedade mais justa é preciso se contrapor ao racismo estrutural e estruturante que mata a nossa juventude negra. E

> entender como o racismo se esconde em meio de tantos argumentos, causas e consequências, a ponto de ocupar, nas análises sobre extermínio e violência realizadas pelos diversos setores da sociedade e do Estado, um lugar secundário. (GOMES e LABORNE, 2018, p. 23)

Feito esse preâmbulo teórico, avançaremos ao racismo contra estudantes asiáticos, localizando nosso debate no contexto educacional.

Racismo contra estudantes asiáticos

Partiremos dos estudos conduzidos por Museus e Truong (2013) e Museus e Park (2015) que destacam os efeitos do racismo sobre estudantes asiáticos-americanos. Relatos de assédio racial, de exclusão e de isolamento das atividades extracurriculares são destacados por esses autores. Existe, ainda, a percepção de que estudantes asiáticos-americanos são mais pressionados a se adequarem à cultura ocidental, sendo este um aspecto que afetará tanto sua aceitação na comunidade acadêmica quanto seu desempenho.

É relevante ilustrar o sentimento de hostilidade vivenciado pelos estudantes asiáticos-americanos por meio do seguinte depoimento de uma aluna asiática-americana:

> Não sei se foi porque sou quieta, mas tenho sido chamada de "china" e de outros nomes... Normalmente é quando estou passando por alguém e simplesmente gritam isso. Não quero... Não sou de provocar confusão, então não sei por que fazem isso comigo. (CYNTHIA apud MUSEUS e PARK, 2015, p. 557)

Considerando o atual contexto de intensa comunicação digital, Museus e Truong (2013) estudaram os estereótipos raciais e sexistas a respeito dos asiáticos que têm sido disseminados em redes sociais, conforme os trechos abaixo:

> Caras asiáticos tendem a ser mais femininos e carentes do que os caras brancos. Eles vêm de uma sociedade matriarcal, então eles buscam por direcionamento e suporte em suas namoradas, mas nem todas as garotas querem ter o controle no relacionamento. É reconfortante ter alguém no comando uma vez na vida, então as garotas asiáticas buscam alguém que fará isso, nesse caso os caras brancos. (ANÔNIMO apud MUSEUS e TRUONG, 2013, p. 17)

> Garotas asiáticas são ****! Elas amam caras brancos e nos tratam como deuses. É por isso que saio com elas. (ANÔNIMO apud MUSEUS e TRUONG, 2013, p. 17)

A exposição dos estudantes asiáticos-americanos a essas manifestações racistas reitera autoimagem depreciativa e implica consequências emocionais e psicológicas negativas, levando à internalização desses estereótipos (MUSEUS e TRUONG, 2013). Por extensão, esse cenário dificulta as interações interraciais entre os estudantes, possivelmente afetando o desempenho acadêmico daqueles que são segregados.

O panorama aqui apresentado parece corroborar o pensamento de Gilroy (2007) de que "negros e brancos estão presos conjuntamente pelos mecanismos de 'raça' que alienam uns aos outros e amputam sua humanidade comum" (GILROY, 2007, p. 33). Para o presente trabalho, propomos ir além dos negros e brancos para incluir os asiáticos nesse debate, especificamente nos espaços escolares. A amputação de humanidade, conforme destacado por Gilroy (2007), é sentida entre estudantes asiáticos por meio da exclusão social, das microagressões e do silenciamento dos temas asiáticos nos currículos (MUSEUS E PARK, 2015), entre outras manifestações de cunho racista.

Nas próximas seções, focalizaremos o objetivo do presente trabalho, isto é, analisar o conteúdo racista contra estudantes asiáticos-brasileiros que estão presentes nos memes, à luz da teoria da análise do discurso.

Metodologia

A presente pesquisa é de cunho qualitativo, a fim de focalizar "fenômenos e processos sociais, considerando-se as motivações, as crenças, os valores e as representações que permeiam a rede de relações sociais" (KNETCHEL, 2014, p. 98). Nessa perspectiva, apoiamo-nos na teoria da análise do discurso segundo Orlandi (2003) para estudar os memes selecionados.

É preciso compreender que a análise do discurso está fundamentada na compreensão do sentido de um texto, seja este verbal e/ou não-verbal. Sentido, portanto, é "uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história" (ORLANDI, 2003, p. 43). Trata-se de um corpo de significados construído por meio do interdiscurso que

afeta o sujeito, isto é, um saber que carrega "sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes" (ORLANDI, 2003, p. 31).

Se o interdiscurso propicia a construção de sentidos, ambos dependem diretamente da ideologia, sendo constituída por "evidências que dão aos sujeitos a realidade como sistema de significações percebidas, experimentadas" (ORLANDI, 2003, p. 47). Essas evidências podem ser fomentadas por textos, por transmissão oral, por agrupamentos sociais, pela mídia e por demais possibilidades comunicacionais.

Considerando a limitação de espaço, optamos por: i) selecionar memes brasileiros sobre estudantes asiáticos, especificamente aqueles em que estão representados sujeitos com características fenotípicas dos países do Leste Asiático; ii) analisar esses memes à luz da teoria da análise do discurso, focalizado nas categorias *ideologia* e *interdiscurso*.

A seleção dos memes foi realizada por meio do mecanismo de buscas Google Imagens em 13 de janeiro de 2020. Foram cumpridas as seguintes etapas:

1- Foi realizada uma busca com as palavras-chave "memes" e "asiáticos"[1];

2- Foram considerados os 50 primeiros resultados;

3- Destes, foram selecionados 11 memes brasileiros e com conotação racista contra asiáticos;

4- Destes, foram identificados 4 memes que faziam referência direta a asiáticos em contexto educacional;

5- Finalmente, foram selecionados 2 memes com imagens que representavam asiáticos com características fenotípicas dos países do Leste Asiático.

Análise dos memes

Na atual era hiperdigitalizada, a disseminação de conteúdos provocativos e irônicos é representada pelo meme, isto é, "uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais" (TORRES, 2016, p. 60). Um meme tem como

[1] Optou-se por não usar a palavra-chave "racista" a fim de ampliar o raio de busca, de forma que a seleção dos memes pudesse ser feita visualmente e criticamente.

características o uso de humor, de linguagem informal e de precariedade estética intencional, sendo um "gênero discursivo que integra um conjunto de mensagens que, por seu potencial de disseminação pela rede mundial de computadores, compõe um conteúdo digital viralizante" (PAVAN e NEVES, 2018, p. 14). Em outras palavras, podemos compreender o meme como a versão digital do clássico conceito de piada.

Iniciaremos a análise focalizando o primeiro meme selecionado, conforme a Imagem 1 abaixo:

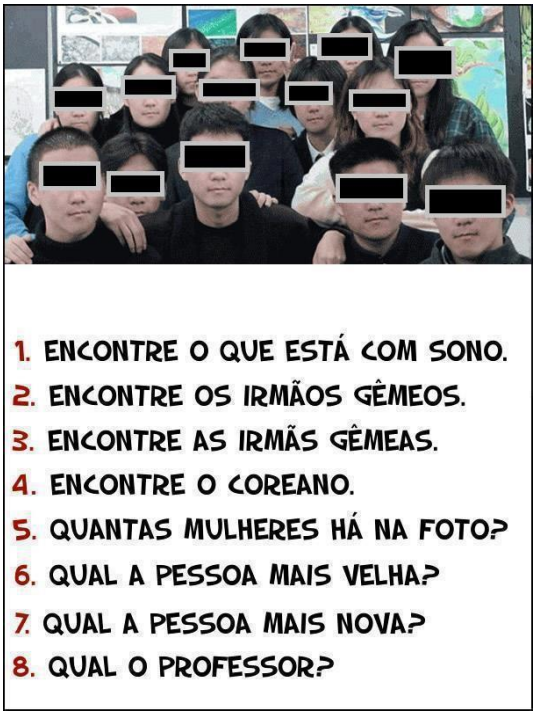

Imagem 1 – Meme com grupo de estudantes asiáticos.
Fonte: https://pt.memedroid.com/memes/tag/japoneses

No meme da Imagem 1, observamos um grupo de jovens de traços fenotípicos dos países do Leste Asiático. Ao fundo, vemos um mural escolar. Logo abaixo da imagem, vemos uma sequência de oito sentenças, sendo quatro na voz imperativa ("encontre") e quatro na forma interrogativa ("quantas?"; "qual?"), conforme mostrado abaixo:

- Encontre o que está com sono.
- Encontre os irmãos gêmeos.

- Encontre as irmãs gêmeas.
- Encontre o coreano.
- Quantas mulheres há na foto?
- Qual a pessoa mais velha?
- Qual a pessoa mais nova?
- Qual o professor?

Na categoria ideologia, é possível reconhecer uma percepção comum aos olhos ocidentais: a de que os asiáticos são idênticos entre si. Esse pensamento foi ratificado pelo autor do meme por meio das oito sentenças ali redigidas. À luz das contribuições presentes no trabalho de Sue et al. (2007), infere-se que haja, aqui, a invalidação das diferenças interétnicas. Esta invalidação pode ser compreendida como uma microagressão frequentemente sofrida por esses grupos étnicos, isto é, as distinções e as particularidades desses grupos étnicos são negadas pelos ocidentais.

Partimos de duas interpretações para justificar essa invalidação. A primeira é de ordem fenotípica, na qual o ocidental se concentra no formato dos olhos e nas características dos cabelos para usar esses traços físicos como marcas homogeneizadoras. A segunda é de ordem imperialista, na qual o ocidental – com especial atenção aos sujeitos brancos dos países europeus e estadunidenses – reafirma sua superioridade ao perpetuar a ideia de imprecisão fenotípica dos sujeitos asiáticos. Em outros termos, a homogeneização sustenta a desumanização dos sujeitos não-brancos e não-ocidentais, pois estes são corpos estranhos, periféricos e não individualizados.

Podemos destacar que a ideia de desumanização se apresenta em cada uma das oito sentenças que compõem o meme da Imagem 1. Todas parecem induzir o leitor a concluir que os estudantes ali retratados são indistinguíveis, negando-lhes a subjetividade e a individualidade. Em cada sentença, a piada está em responder que são todos iguais. Não foi o propósito do presente trabalho investigar se houve ou não manipulação digital das fotos. Por outro lado, se consideramos essa hipótese, poderia se revelar uma nova camada de manifestação racista, isto é, a intenção do autor desse meme em acentuar, imageticamente, a anulação da individualidade dos asiáticos.

Na categoria interdiscurso, a noção ideológica de que *asiáticos são todos iguais* tem propiciado a construção de múltiplos sentidos na memória coletiva ocidental. Destacamos dois sentidos que podem ser interpretados por meio da imagem e das sentenças presentes nesse meme. O primeiro sentido é de que asiáticos não conseguem expressar emoções ou apresentam dificuldade para se destacar socialmente. Trata-se de um estereótipo construído às custas de um traço cultural e comportamental asiático: o valor do silêncio. No meme, a sentença "Encontre o que está com sono" talvez seja aquela que represente mais explicitamente esse estereótipo. Como consequência, "asiáticos que menos se expressam verbalmente são frequentemente percebidos como menos interessados, descomprometidos ou desatentos pelo professor" (SUE et al., 2007, p. 77).

O segundo sentido é de que asiáticos são estranhos e, por isso, pitorescos. A ideologia homogeneizadora que desumaniza o asiático também abre caminho para que os ocidentais se sintam à vontade para perpetrar microagressões racistas. Estas, por sua vez, são justificadas como piadas ou anedotas inofensivas. A percepção de ser algo pitoresco se agrava entre os descendentes de asiáticos que têm nacionalidade ocidental, como são os asiáticos-americanos e os asiáticos-brasileiros, por exemplo. Ao serem alvos dessas microagressões, é reforçado o sentimento de não-pertencimento ou ainda, o sentimento de ser estrangeiro em seu próprio país (SUE et al., 2007). O meme em questão, se foi criado por um brasileiro, parece refletir essa noção do asiático-brasileiro exótico e, por isso, sempre estrangeiro aos olhos ocidentais.

Passaremos à análise do segundo meme, tendo como referência a Imagem 2 abaixo:

Imagem 2 – Meme com estudante asiático.
Fonte: https://pt.memedroid.com/memes/detail/1593777

No meme da Imagem 2, novamente observamos jovens de traços fenotípicos dos países do Leste Asiático que parecem estar em uma sala de aula. São dois jovens com rostos desfocados e um jovem com o rosto à frente, em destaque. Esse jovem utiliza um par de óculos de grau e uma de suas mãos cobre a boca. O seguinte texto acompanha essa imagem: "Cala***, to fu***** / A plova vai sel de dupla".

Na categoria ideologia, apontamos a percepção de que asiáticos não têm traquejo social e, por isso, são antissociais ao ponto de não conseguirem trabalhar em equipe. O suposto espanto do jovem asiático com a boca coberta é uma evidência caricaturada dessa percepção. Além disso, o uso dos impropérios "cala***" e "f****" procura ressaltar o sentimento de desespero e de ansiedade do jovem asiático. A segunda sentença é reveladora da intenção do autor do meme ao destacar que "A plova vai sel de dupla". Aqui, observamos a reprodução estereotípica do asiático como sujeito antissocial. A leitura desta sentença induz ao pensamento de que os asiáticos preferem trabalhar sozinhos e isolados, pois interações sociais propiciarão desconforto e insucesso. A cultura da valorização do silêncio, já apontada na análise do meme da Imagem 1, parece fomentar também a ideologia aqui identificada. Neste meme, ainda destacamos a ocorrência da dislalia, isto é, a fala marcada

por erros de troca de sons na fala "A plova vai sel de dupla", caracterizando outra manifestação racista.

Na categoria interdiscurso, a ideologia do asiático antissocial parece contribuir para a construção de dois sentidos presentes na memória coletiva dos sujeitos não asiáticos. O primeiro sentido, também identificado e analisado no meme anterior, é o de que asiáticos nascidos em países ocidentais sempre serão lidos como estrangeiros. Essa percepção promove chacotas similares ao meme da Imagem 2, nas quais descendentes de asiáticos são retratados como ineptos quanto ao uso correto da língua. Esse estereótipo também ressalta a imagem do asiático que está sempre à margem da normatividade sociocultural daquele país. Perguntas como *de onde você vem?* ou *onde você nasceu?* e afirmativas de espanto como *mas você fala nossa língua tão bem!* são escutadas por descendentes de asiáticos entre seus concidadãos não asiáticos (SUE et al., 2007).

O segundo sentido – talvez menos aparente na superfície – é o de que asiáticos estão invisíveis em muitos temas que mobilizam as pautas social, cultural e política dos países ocidentais. A representatividade dos asiáticos na mídia, por exemplo, poucas vezes é merecedora de destaque nos debates que envolvem esse tema. O próprio debate sobre racismo contra asiáticos ainda parece ser tímido. As constantes anedotas em torno dos asiáticos parecem não ser compreendidas claramente como manifestações racistas, considerando tamanho despudor dos ocidentais em promover mensagens jocosas como as que estão presentes nos dois memes aqui analisados. A invisibilização do racismo contra asiáticos parece chancelar uma espécie de permissão para a perpetuação das microagressões racistas.

Pensamos ser válido ressaltar, ainda, um terceiro sentido que pode ser inferido da Imagem 2. Trata-se da ideia de que todos os asiáticos são inteligentes, contribuindo para o mito da minoria-modelo (SUE et al., 2007). Esse sentido parece estar presente no meme em questão, partindo da expectativa de que todo asiático terá excelente desempenho acadêmico. Ao mesmo tempo, esse meme parece sugerir que aspectos como falta de traquejo social e dificuldade de interação social (especialmente com sujeitos não-asiáticos) interditam a manifestação plena desse suposto alto grau de inteligência dos asiáticos. Enfatiza-se o estereótipo do asiático como sujeito intelectualmente superior, porém

socialmente inferior se localizado em contexto ocidental, ratificando a ideia de que asiáticos apenas estudam e trabalham. Nesse sistema de crenças, ao asiático inteligente não é concedida permissão para socializar nem para estabelecer relações afetivas – especialmente com não asiáticos.

Discussão

Os estereótipos sobre estudantes asiáticos-brasileiros se perpetuam por meio dos dois interdiscursos presentes nos memes aqui analisados, quais sejam: i) estudantes asiáticos-brasileiros são todos iguais, negando-lhes singularidade e individualidade; ii) estudantes asiáticos-brasileiros são socialmente inábeis. Conforme relatado nas pesquisas de Sue et al. (2007), Museus e Truong (2013) e Museus e Park (2015), a permanência destas perspectivas preconceituosas contribui para que sujeitos asiáticos residentes em países não asiáticos se sintam deslocados e desterritorializados. Ressaltamos que os espaços escolares também se apresentam como lugares nos quais estudantes de origem asiática podem relatar situações de microagressões por causa de suas diferenças fenotípicas e culturais.

Kataoka (2018) aponta que o racismo contra asiáticos é marcado por supostas brincadeiras que se constituem em microagressões. Se, por um lado, parece não haver predominância de atos violentos, por outro se observa o uso de expressões como *japa* ou *china* para se dirigir a um sujeito asiático. Existem, ainda, expressões como *não tem diferença* e *olho puxado é tudo igual* que tanto desumanizam quanto negam a individualidade do sujeito asiático.

Outro estereótipo que se faz presente é a alta expectativa sobre as performances acadêmica e profissional dos asiáticos, conforme Sue et al. (2007) apontam a partir do mito da minoria-modelo. À primeira vista, a percepção de desempenho acima da média poderia ser compreendida como importante diferencial dos estudantes asiáticos. Entretanto, o que se observa é a opressão que se imputa a esses sujeitos, pois a suposta alta inteligência dos estudantes asiáticos será cobrada de professores e de colegas por meio dos resultados nas provas e demais atividades acadêmicas. Pesa, ainda, o mito de que estudantes asiáticos

sempre terão alto desempenho no campo das ciências exatas, propiciando uma visão limitante a respeito da potência destes sujeitos em outros campos do conhecimento.

Também se destaca o sentimento dos estudantes asiáticos de serem eternos estrangeiros em seus próprios países. A diferença fenotípica destes sujeitos causa alto grau de espanto em seus concidadãos não asiáticos, de forma que estes marginalizam os primeiros como corpos estranhos em ambientes com orientação eurocêntrica. Piadas aparentemente inofensivas como *abre o olho* e *pastel de flango* guardam racismo e xenofobia. O depoimento abaixo mostra a visão de um asiático-brasileiro sobre essa questão: "É racista, é xenófobo. Não é 'apenas uma piada'. Você está [...] dizendo que a pessoa não pertence, que ela é estrangeira, que não é bem-vinda (LEONARDO apud MORI, 2017). Para Diaz (2021), o sujeito asiático não tem lugar na sociedade brasileira, "fazendo com que sua existência fique presa a certas associações e conviva de forma pacífica, mas não integrada".

Por fim, será relevante resgatar a visão de que sujeitos não asiáticos perpetuam sobre o suposto caráter exótico dos sujeitos asiáticos, conforme apontado por Said (1990). As diferenças fenotípicas e culturais se tornam combustível para que microagressões sejam legitimadas, partindo da ideia de que tamanho grau de distinção será justificativa para se fazer piada com aqueles costumes fortemente opostos à tradição eurocêntrica. Temos, portanto, uma incapacidade social de conviver com a diversidade, na medida em que manifestações culturais e ritos sociais fora da lógica branca e europeia promovem uma espécie de permissão tácita para piadas. No racismo contra asiáticos, pesa a naturalização histórica de se tratar essas diferenças com tom jocoso e desumanizador.

Considerações Finais

O presente trabalho procurou contribuir para o debate sobre o racismo contra asiáticos e as microagressões dele advindas, tendo recorte no racismo contra estudantes asiáticos-brasileiros. É importante ressaltar que esse tema também se apresenta em demais países da América Latina, como é o caso de um recente estudo conduzido no México por Guillén e Balam (2018) a respeito do racismo contra descendentes de chineses naquele país.

Observamos, portanto, que o tema parece ter dimensão global. No Brasil, é possível identificar mobilização sobre esse tema por meio de conteúdo disponível na imprensa, entre as quais destacamos as matérias jornalísticas de Balago (2019), Kataoka (2018) e Mori (2017).

Os dois memes aqui analisados, à luz das contribuições da teoria da análise do discurso, evidenciam uma breve amostra de ideologias e de interdiscursos a respeito dos estudantes asiáticos-brasileiros que estão presentes no imaginário brasileiro. Essa produção discursiva é disseminada digitalmente e em larga escala por meio das redes sociais. Portanto, pensamos que os memes aqui analisados não são anedotas nem brincadeiras supostamente inofensivas. É preciso pensar diametralmente, isto é, que esses memes estão carregados de teor racista. Fora do mundo digital, estes se constituem em microagressões contra aqueles que ali estão retratados.

Observamos terreno fértil para novas investigações sobre o racismo contra estudantes asiáticos-brasileiros, inserindo esses sujeitos no debate acadêmico sobre racismo e educação antirracista. Provocamos, ainda, o leitor a ponderar sobre esses memes como manifestação perdurável da lógica imperialista europeia e estadunidense. Nessa perspectiva, consideramos que o seguinte pensamento de Said (1990) poderá nos apoiar nessa reflexão:

> O que importa aqui é que a Ásia fala por meio e em virtude da imaginação europeia, que é representada como vitoriosa sobre a Ásia, aquele "outro" mundo hostil do outro lado dos mares. À Ásia são atribuídos os sentimentos de vazio, perda e desastre que desde então parecem recompensar os desafios orientais ao Ocidente (SAID, 1990, p.66).

Para concluir, ressaltamos que a permanência do estado de espanto do Ocidente a respeito do Oriente tem propiciado a continuidade de um projeto de subserviência cultural e política do segundo em relação ao primeiro. Em um mundo dominado pela perspectiva eurocêntrica, a não-branquitude continua sendo um lugar de deslocamento e de isolamento, pautada por desigualdade, por opressão e por segregação. O fortalecimento do debate antirracista é primordial para se avançar na construção de uma sociedade cada vez mais

aberta aos saberes e às identidades múltiplas, substituindo a visão marginalizadora por uma atitude mais inclusiva.

Referências

BALAGO, Rafael. Piadas de Bolsonaro são alvo de revolta, risos e medo de bullying entre japoneses. **Folha de São Paulo.** Poder. São Paulo, 28/maio/2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/piadas-de-bolsonaro-sao-alvo-de-revolta-risos-e-medo-de-bullying-entre-japoneses.shtml. Acesso em: 15/01/2020.

CAMPOS, Luiz Augusto. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 95, p. 1-19, ago. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000300503&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17/04/2020.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000100005. Acesso em: 14/01/2020.

DIAZ, Luccas. Preconceito amarelo: o que é e por que aumenta durante os vestibulares. **Guia do Estudante**. Atualidades. São Paulo, 08/março/2021. Disponível em: https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/preconceito-amarelo-o-que-e-e-por-que-aumenta-durante-os-vestibulares/. Acesso em: 01/07/2022.

GILROY, Paul. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e197406, nov. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100657&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17/04/2020.

GUILLÉN, Miguel Lisbona; BALAM, Enrique Rodríguez. Estereotipos sobre los chinos en México: de la imagen caricaturesca al meme en internet. **Revista Pueblos y fronteras digital**. San Cristóbal de Las Casas, v. 13, p. 2-29, set. 2018. Disponível em http://www.pueblosyfronteras.unam.mx/index.php/index.php/pyf/article/view/358. Acesso em: 15/01/2020.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 2003. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a08v29n1. Acesso em: 14/01/2020.

GUIMÓN, Pablo. EUA matam o poderoso general iraniano Soleimani em um ataque no aeroporto de Bagdá. **El Pais.** Internacional. Madri, 3/janeiro/2020. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/03/internacional/1578010671_559662.html. Acesso em: 15/01/2020.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. Trad. Liv Sovik. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 2, 2015. Disponível em http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/. Acesso em: 14/01/2020.

KATAOKA, Juliana. Jessica e Celina fizeram fotos de como descendentes de asiáticos se sentem ao sofrerem racismo. **BuzzFeed**. Buzz. [S. I.], 5/julho/2018. Disponível em: https://www.buzzfeed.com/br/julianakataoka/jessica-e-celina-fizeram-fotos-sobre-como-asiaticos-se. Acesso em: 15/01/2020.

KNETCHEL, Maria do Rosario. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

MORI, Leticia. 'Não toleramos mais': por que velhas piadas estão inflamando debate sobre racismo entre descendentes de asiáticos no Brasil. **BBC Brasil**. Brasil. São Paulo, 4/agosto/2017. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40816773. Acesso em: 15/01/2020.

MUSEUS, Samuel.; PARK, Julie. The Continuing Significance of Racism in the Lives of Asian American College Students. **Journal of College Student Development**, [S. I.], v. 56, n. 6, p. 551-569, set. 2015. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/595556. Acesso em: 14/01/2020.

MUSEUS, Samuel; TRUONG, Kimberly. Racism and Sexism in Cyberspace: Engaging Stereotypes of Asian American Women and Men to Facilitate Student Learning and Development. **About Campus**, [S. I.], v. 18, n. 4, p. 14-21, set. 2013. Disponível em https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1002/abc.21126?journalCode=acaa. Acesso em: 14/01/2020.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

PAVAN, Ricardo; NEVES, Luiz Felipe Fernandes. Conteúdo digital viralizante: o meme como expressão do receptor na sociedade midiatizada. **Panorama**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 12-17, jan./jun. 2018. Disponível em: http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/6305. Acesso em: 14/01/2020.

SAID, Edward. **Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SUE, Derald Wing; BUCCERI, Jennifer; LIN, Annie; NADAL, Kevin; TORINO, Gina. Racial microaggressions and the Asian American experience. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, Washington, v. 13, n. 1, p. 72–81, jan. 2007. Disponível em http://www.oregoncampuscompact.org/uploads/1/3/0/4/13042698/racial_microaggressions_and_aa_experience.pdf. Acesso em: 22/01/2020.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 68, n 3, p. 60-61, jul./set. 2016. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018. Acesso em: 21/01/2020.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Edson Seiti Miyata*

Submetido em 17/08/2022 **Aprovado em 07/02/2023**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)